

## FENDAS ENTRE O ORAL E O GRÁFICO QUE SE MOSTRAM NAS RASURAS<sup>1</sup>

Tatiane Henrique Sousa Machado<sup>2</sup>

MACHADO, T. H. S. Fendas entre o oral e o gráfico que se mostram nas rasuras. **EDUCERE** - Revista da Educação, Umuarama, v, 18, n. 2, p. 411-440, jul./dez. 2018.

**RESUMO:** Neste estudo foram analisadas as rasuras, marcadas por apagamentos, inserções, sobreposição, ligadas ao conflito entre a variante fonética falada pelo escrevente e a imagem que o escrevente supõe da representação gráfica prescrita pela escola. Para tanto, consideram-se as rasuras um momento de “aceitação” e “recusa” do escrevente à heterogeneidade da (sua) escrita. A hipótese que norteia este estudo é que as rasuras não são aleatórias, mas sim emergem de momentos de conflito entre duas possibilidades de representação da escrita, nas quais o escrevente se deslocaria entre aquele que “escreve” e aquele “lê”, avaliando a sua escrita de um outro lugar (LEMOS, 1999). Adota-se para tanto, o referencial teórico da heterogeneidade constitutiva da escrita (CORRÊA, 2004), na qual se supõe a não existência de enunciados puramente escritos ou falados. As rasuras são consideradas momentos de negociação do escrevente com os diferentes modos de representação da (sua) escrita. O *corpus* examinado refere-se a 449 enunciados escritos por crianças da antiga primeira série do Ensino Fundamental I, ao longo do ano de 2001. Nesse corpus, foram identificadas 35 rasuras. Dentre os principais momentos de conflitos ressalta-se: a omissão da coda vibrante final, em que o escrevente busca a manutenção do padrão silábico (CV); a marcação do ditongo; o registro das vogais pretônicas; e a neutralização das vogais postônicas finais. Portanto, os conflitos observados neste estudo são consubstanciais à linguagem, não-coincidências que emergem na superfície do dizer, em

---

DOI: 10.25110/educere.v18i2.2018.7103

<sup>1</sup>O presente estudo foi apresentado na forma de resumo 61 Gel de Estudos Linguísticos, sob a coautoria e orientação da profa Dra. Cristiane Carneiro Capristano da Universidade Estadual de Maringá.

<sup>2</sup>Doutoranda da Universidade Estadual de Maringá no Programa de Pós-Graduação em Letras. Professora da Universidade Paranaense – UNIPAR, Campus Umuarama-Sede. E-mail de contato: tatiane@prof.unipar.br

que o escrevente por meio de ‘escolhas’ e ‘recusas’ circula pela gênese da escrita e pela representação do código institucionalizado, destacando o conflito na representação da (sua) escrita, constitutivamente heterogênea. **PALAVRAS-CHAVE:** Oralidade; Letramento; Rasura.

## **GAPS BETWEEN ORAL AND GRAPHIC SHOWN IN ERASURES**

**ABSTRACT:** This study analyzes the erasures, insertions, and overlaps related to the conflict between the spoken phonetic variant and the image the writer assumes to be the graphical representation prescribed by the school. For this, the erasures are considered a moment of “acceptance” and “refusal” of the writer towards the heterogeneity of (his) writing. The assumption that guides this study is that erasures are not random, but rather emerge from moments of conflict between two representation possibilities of the writing, in which the writer shifts between the one who “writes” and the one who “reads”, assessing his writing from another position (LEMOS, 1999). This study adopts the theoretical reference of the constitutive heterogeneity of writing (CORRÊA, 2004), in which the existence of purely written or spoken utterances is assumed. Erasures are then considered moments of negotiation of the writer with the different modes of representation of (his) writing. The corpus examined 449 utterances written by children at the former first year of Elementary School I during 2001. In this corpus, a total of 35 erasures were identified. The omission of the final vibratory coda features among the main moments of conflict, where the writer seeks to maintain the syllabic pattern (CV); the marking of the diphthong; the registration of pre-tonic vowels; and the neutralization of the final post-tonic vowels. Therefore, the conflicts observed in this study are consubstantiated to language, non-coincidences that emerge on the surface of speech, in which the writer, through his “choices” and “refusals”, circulates through the genesis of writing and the representation of the institutionalized code, emphasizing the conflict in the representation of (his) writing, which is constitutively heterogeneous. **KEYWORDS:** Orality; Literacy; Erasure.

## RANURAS ENTRE EL ORAL Y EL GRÁFICO QUE SE MUESTRAN EN LOS BORRONES

**RESUMEN:** En este estudio se ha analizado los borrones, marcados por apagamientos, inserciones, superposición, unidas al conflicto entre la variante fonética hablada por el escribiente y la imagen que el escribiente supone de la representación gráfica prescrita por la escuela. Para tanto, se consideran el borrón un momento de “aceptación” y “rechazo” del escribiente a la heterogeneidad de (su) escritura. La hipótesis que nortea este estudio es que los borrones no son aleatorios, sino emergen de momentos de conflicto entre dos posibilidades de representación de la escritura, en las cuales el escribiente se desplazaría entre aquel que “escribe” y aquel que “lee”, evaluando su escrito de otro lugar (LEMONS, 1999). Se adopta para tanto, el referencial teórico de la heterogeneidad constitutiva de la escrita (CORRÊA, 2004), en la cual se supone la no existencia de enunciados puramente escritos o hablados. Los borrones son considerados momentos de negociación del escribiente con los diferentes modos de representación de (su) escritura. El *corpus* examinado se refiere a 449 enunciados escritos por niños de la antigua primera serie de la Enseñanza Fundamental I, a lo largo del año de 2001. En ese *corpus*, se identificó 35 borrones. Entre los principales momentos de conflictos se resalta: la omisión de la coda vibrante final, en que el escribiente busca la manutención del estándar silábico (CV); la marcación del diptongo; el registro de las vocales pretónicas; y la neutralización de las vocales postónicas finales. Por lo tanto, los conflictos observados en este estudio son consubstanciales al lenguaje, no coincidencias que emergen en la superficie del decir, en que el escribiente por medio de “elecciones” y “rechazos” circula por el génesis de la escritura y por la representación del código institucionalizado, destacando el conflicto en la representación de (su) escritura, constitutivamente heterogénea.

**PALABRAS CLAVE:** Oralidad; Escritura; Borrón.

---

### 1. INTRODUÇÃO

As rasuras, em geral, são consideradas pela escola “sujeiras” que deveriam ser “passadas a limpo”. No presente estudo, as rasuras, representadas por apagamentos, escrita sobreposta, inserções, dentre outras

marcas são consideradas lugares, que permitem visualizar o sujeito escrevente num movimento de “aceitação” e de “recusa”, em que o escrevente deslocaria entre a figura daquele que escreve e aquele que lê o objeto escrito, avaliando-o (LEMOS, 1999). Objetiva-se neste estudo examinar as rasuras que sinalizam para um conflito entre a variedade fonética falada pelo sujeito e a imagem que o escrevente supõe da norma prescrita pela escola. Parte-se da hipótese que os locais, em que aparecem as rasuras não são aleatórios, mas sim emergem de momentos de conflito entre duas possibilidades de representação da escrita. Nessa perspectiva haveria uma divisão enunciativa do sujeito entre aquele que “escreve” e aquele lê, avaliando a sua escrita de *um outro lugar* (LEMOS, 1999). Haveria uma constante “negociação” entre o eixo da imagem da escrita em sua gênese, supondo o escrito plasmado ao falado e o eixo da imagem da escrita como código institucionalizado, em que o escrevente busca atingir a norma prescrita pela escola. Reconhece-se, portanto, a escrita como prática social, heterogeneamente constituída, ou, mais especificamente, a escrita como resultado do trânsito do sujeito por práticas orais/faladas e letradas/escritas. O corpus deste estudo é constituído por 449 enunciados escritos elaborados por crianças da 1ª ano (antiga primeira série), de uma escola pública da rede municipal de ensino de São José do Rio Preto (SP)<sup>1</sup>. Para o desenvolvimento da análise, parte-se das contribuições de Abaurre et.al. (1997), Chacon (2004, 2008), Corrêa (2001, 2004), Lemos (1999 e 2002).

## 2. FUNDAMENTOS TEÓRICOS

### 2.1 – Heterogeneidade da escrita

O modo heterogêneo da escrita, defendido por Corrêa (2004) reconhece que os fenômenos da fala e da escrita podem ser vistos como fatos linguísticos e práticas sociais, logo, “os fatos linguísticos do falado/escrito são práticas sociais e estão ligados, portanto, às práticas orais/letradas” (CORRÊA, 2004, p. 2). A partir desse referencial as divergências dos enunciados escritos infantis, tradicionalmente, consideradas “erros” a serem superados são consideradas marcas da relação sujeito e linguagem, que apontam para o trânsito do escrevente por práticas orais e letradas que

---

<sup>1</sup>As produções textuais fazem parte do Banco do grupo de Pesquisa Estudos sobre a linguagem (CNPQ) que subsidia também pesquisas do grupo Estudos Sobre a Escrita (CNPQ).

caracterizam o *modo heterogêneo de constituição da escrita* (CORRÊA, 2004).

O *modo heterogêneo de constituição da escrita* (CORRÊA, 2004) recusa a dicotomia radical (fala-escrita), bem como a visão evolucionista da escrita. Defende, por outro lado, a posição de Biber de que os traços situacionais ou linguísticos não dão conta de todos os gêneros escritos e falados, pois se limitam a caracterizações típicas da fala e da escrita, que não explicam a diversidade de enunciados relativamente estáveis com os quais nos defrontamos.

Dentre alguns estudiosos que contribuem para os estudos de Corrêa (2004) destacam-se: os postulados de Street (1984) sobre o misto entre o oral e letrado e a perspectiva de letramento como processo sócio-histórico, defendida por Tfouni (1994). Corrêa também busca contribuições nos estudos de Lemos, acerca da valorização de “fragmentos” indicativos de esquemas interacionais da fala da criança com a fala da mãe, e em Abaurre acerca do processo de aquisição da escrita associado ao “gesto articulatório” e ao “gesto gráfico”. Para essa autora a criança operaria com múltiplas hipóteses sobre a organização da escrita.

Para Corrêa (2004, p. 9) “a constituição da escrita se dá pelo encontro entre práticas sociais do oral/falado e do letrado/escrito, considerada a dialogia com o já falado/escrito e o ouvido/lido”, por isso, heterogeneidade da escrita (constitutiva) e não heterogeneidade na escrita (algo de fora que apareceria em algumas situações). Com base nesses pressupostos Corrêa (2004, p. 14) organiza metodologicamente “o trabalho que o escrevente executa no processo de construção do texto”, por meio da definição dos três modos de reconhecimento da heterogeneidade da escrita:

1. O primeiro é o modo de constituição da escrita em sua suposta gênese: refere-se aos momentos em que o escrevente tende a tomar a escrita como representação termo a termo da oralidade, igualando esses dois modos de realização da linguagem verbal.
2. O segundo eixo caracteriza-se pela apropriação da escrita em seu estatuto de código institucionalizado, ou seja, fixação metalinguística da escrita pelas várias instituições e sujeitos. Aqui o escrevente toma como ponto de partida o que ele imagina ser o modo autônomo de representar a oralidade.

3. O terceiro reside na relação que o texto do escrevente mantém com o já lido, eixo da dialogia com o já falado e já escrito, indiciando o diálogo com diferentes práticas orais e escritas.

Esses três modos apontam para a divisão enunciativa do escrevente, que ocupa lugares nas diferentes práticas sociais. Contudo, não há entre eles uma hierarquia, uma vez que atuam conjuntamente. Nessa concepção, admite-se a não existência de um material em estado puro (puramente fala, puramente escrita) em que se encontraria somente um eixo em operação. Para Corrêa (2004) a escrita mobiliza diferentes imagens que o escrevente faz de si, de seu interlocutor e da (sua) escrita, sistematizados metodologicamente em momentos em que assume a escrita como representação integral do oral/falado (gênese da escrita); momentos que assume a escrita como código institucionalizado; e momentos de remissões a outros textos (falados e escritos).

Desse modo, no presente estudo são analisadas rasuras que incidem sob as marcas linguísticas que apontam conflitos da representação que o escrevente faz da (sua) escrita. Por conseguinte, “as marcas de reelaboração interessam pelo efeito que aponta para uma diferenciação que dificilmente será observada, por exemplo, nos momentos em que não é possível detectar nenhuma marca de reelaboração” (CAPRISTANO, 2007, p.151). Reconhece-se, contudo, que “o desaparecimento de marcas linguísticas que denunciam a circulação do escrevente por práticas orais e letradas na dimensão ortográfica da escrita não é, no entanto, evidência suficiente para negar essa circulação” (CAPRISTANO, 2010, p. 179), já que na perspectiva assumida “a ausência de marcas não significa ausência do movimento” (CAPRISTANO, 2007, p. 152).

## **2.2 A rasura como indício da heterogeneidade da escrita**

Tradicionalmente as rasuras são consideradas pela escola “sujeiras” que deveriam ser “passadas a limpo”. Esse tipo de dado também não era de interesse dos estudos linguísticos que priorizavam os fatos da “língua”, dada a sua sistematicidade e homogeneidade. A partir dos estudos denominados enunciativos instauram-se pesquisas com dados cambiantes, manifestações denominadas individuais de uso da língua, pertencente ao domínio da “fala”.

Abre-se espaço, assim, para discussões como as de Abaurre

(1996) acerca da pesquisa em dados singulares e episódicos, compreendidos como eventos singulares de uma micro-histórica que indicia a relação sujeito-linguagem. Em outros estudos, Abaurre, Fiad, Mayrink-Sabinson (1997) e Abaurre (1994), analisam as rasuras, denominadas refacção, reescrita e reelaboração são consideradas marcas visíveis de reelaboração representadas por apagamentos, inserções e escritas sobrepostas; dados “que [...] indiciam operações epilinguísticas do sujeito, momentos de tomada de consciência do autor de um texto em relação as suas escolhas e às implicações destas no plano textual/discursivo” (ABAURRE, FIAD, MAYRINK-SABINSON, 1997, p.80), ou seja, um sinal de um conhecimento daquele que enuncia sobre a língua.

Assume-se, entretanto, no presente estudo a perspectiva teórica da *heterogeneidade da escrita* (CORRÊA, 2004), reconhecendo que as rasuras, marcas de correções, apagamentos, inserções ou acréscimos são “pistas” que indiciam o desdobramento momentâneo do escrevente em *outra figura*, a do observador das palavras utilizadas, ou seja, a *não-coincidência enunciativa* (AUTHIER-REVUZ, 2004). Haveria, nas rasuras, na perspectiva do presente estudo “marcas de *controle-regulagem* do processo de comunicação, sob a forma negativa do sinal de falta ou da operação de ajuste, as diferentes condições requeridas aos olhos do locutor” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 14). Esses ajustes levariam em consideração o trânsito do escrevente por práticas orais e letradas.

Sendo assim, semelhantemente as pesquisas de Calil (2006), Felipeto (2008), as rasuras são consideradas neste estudo pistas que indiciam o “estranhamento” do escrevente, “uma pista que apontaria não somente de onde veio, mas também para onde se poderia ter ido” (CALIL, 2004, p. 58). Por isso, pode mostrar, muitas vezes, “possibilidades abertas pela linguagem” (CAPRISTANO, 2007) com as quais o escrevente convive e negocia, e não necessariamente um sinal de conhecimento daquele que enuncia.

Para explicar essa divisão enunciativa do sujeito, recorre-se aos pressupostos teóricos de Lemos (1999), “Los procesos metafóricos y metonímicos como mecanismos de cambio”, no qual a autora assevera que as mudanças que ocorrem na fala da criança remetem à mudança de posição da criança em relação à linguagem. Na primeira posição, sujeito efeito da linguagem, o polo dominante é o outro – chama atenção o retor-

no da criança aos enunciados da mãe. Aqui se operam movimentos metonímicos e a contenção da deriva é atribuída pelo outro que dá estrutura lexical, sintática, semântica e morfológica a fala da criança. Na segunda posição, sujeito representante da língua, a criança aliena-se ao funcionamento da língua, por meio de processos metafóricos e metonímicos, o primeiro em supremacia ao segundo. Por fim, na terceira posição, a língua em seu funcionamento, o polo dominante é o sujeito, há uma “escuta” do seu próprio dizer. O sujeito se abre entre a instância daquele que fala e da instância que escuta (LEMOS 1999). Com base nessa teoria, compreende-se que as rasuras emergem da “terceira posição”, sinalizando um deslocamento da criança em relação a (sua) escrita e a escrita do outro.

Admite-se, ainda, que a rasura, na escrita infantil, pode ocorrer em diferentes momentos e por diferentes fatores, todavia, elegeram-se, neste estudo, apenas rasuras relacionadas ao conflito entre a variante fonética falada pelo escrevente e a imagem que o escrevente supõe da representação gráfica prescrita pela escola. Nesse escopo teórico, reconhece-se que a rasura como uma marca que dá relevo ao trânsito do escrevente por diferentes práticas orais e escritas com as quais convive, e que se mostram pelas diferentes imagens que esse escrevente faz da (sua) escrita, representada como plasmada à fala; como representação de um código institucionalizado; e também em momentos de diálogo com o já oral/falado e letrado/escrito, eixos de reconhecimento da *heterogeneidade da escrita*.

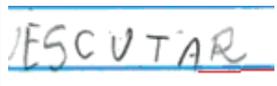
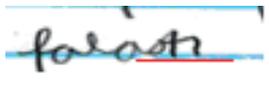
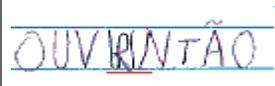
### 3. MATERIAL E METODOLOGIA

O material analisado refere-se a 14 propostas textuais que totalizam 449 textos escritos por crianças que, no período de abril de 2001 a dezembro de 2001, cursavam da primeira série do Ensino Fundamental I (antigo). A coleta foi realizada em uma escola pública de periferia da rede municipal de ensino de São José do Rio Preto (SP).

Nesse período, as crianças produziram diversos enunciados escritos a partir de diferentes propostas de produção textual. As propostas textuais solicitavam a escrita de diferentes gêneros textuais/discursivos, tais como relato, horóscopo, entrevista, listas etc. As atividades foram realizadas individual e simultaneamente, por cerca de uma hora. O local

de coleta prioritário foi a sala de aula, contando com o acompanhamento da professora responsável pela turma. Esses enunciados fazem parte de um Banco de Produções Textuais organizado pelo Grupo de *Pesquisa Estudos sobre a linguagem* (CNPq).

Foram identificadas 35 rasuras vinculadas ao conflito da variação fonética falada pelo escrevente e a representação da norma prescrita pela escola. Essas marcas foram identificadas por meio de apagamentos, escritas sobrepostas (sobreposição de duas escritas) e inserções (acréscimos posteriores). A seguir são apresentados exemplos das rasuras analisadas:

Apagamento	Escrita sobreposta	Inserção
		

As rasuras foram identificadas à luz do paradigma indiciário, proposto por Ginzburg (1989). Nessa perspectiva teórico-metodológica buscam-se pistas, tomando-as como zonas privilegiadas que permitem decifrar uma justificativa para determinados conflitos. A identificação das rasuras se deu diretamente nos textos originais, contando com auxílio de uma lupa de leitura LL-975 (aumento 2X). Posteriormente, foram recortados os dados das cópias digitalizadas.

Sabe-se que essa transposição de dados do original para o digitalizado traz perdas de qualidade, em virtude das limitações do scanner. Por isso, para melhor esclarecimento além da apresentação do recorte também será descrito o movimento realizado pelo escrevente nas ocorrências analisadas. Foram excluídas as ocorrências em que não se consegue identificar o movimento de “escolha” – “recusa” gráfica, pois em algumas ocorrências mesmo utilizando lupa 2x não foi possível decodificar a escrita anterior, tal como o exemplo a seguir:



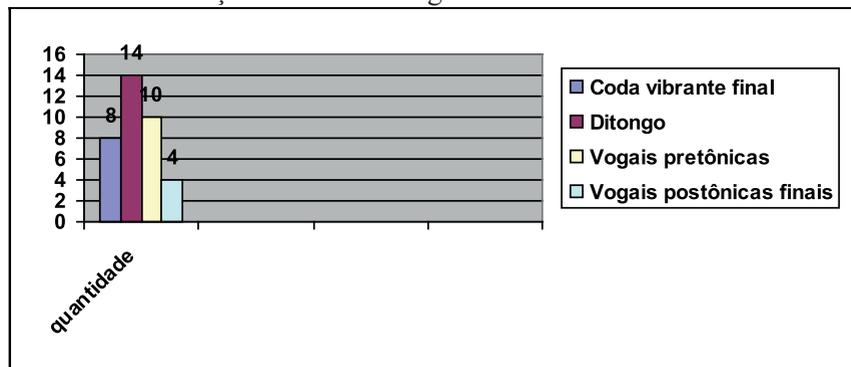
Além disso, também foram excluídas rasuras que envolvessem outros fenômenos, tais como as variações sintáticas, a segmentação e a

ortografia. Sendo assim, para melhor esclarecimento além da apresentação do recorte também será descrito o movimento realizado pelo escrevente nas ocorrências analisadas.

#### 4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quanto aos resultados, observou-se que das 35 rasuras identificadas, a operação de apagamento (24) foi a mais utilizada. Essa constatação deve-se, provavelmente a natureza do material analisado, produções textuais escritas a lápis em momento inicial de escolarização. Também foram identificadas inserções (07) e escritas sobrepostas (04). Em consonância a hipótese do presente estudo, pode-se perceber que os locais em que emergem as rasuras não são aleatórios, pois incidem em momentos de conflito entre pelo menos duas possibilidades de representação da escrita. As rasuras emergiram, principalmente, no registro do ditongo (14); no registro das vogais pretônicas (09); no registro da coda vibrante final (8) e nas vogais postônicas finais (4), tal como no gráfico a seguir:

Gráfico: Distribuição do conflito linguístico.



Os achados deste estudo aproximam-se do estudo de Câmara Jr. (1975, p. 36-37), em que esse autor analisou a escrita de 62 crianças (11 a 13 anos), objetivando analisar alguns erros da escrita infantil como tendência linguística, atrelada à variante dialetal dos escreventes. Dentre os conflitos motivados por fatores fonéticos apontados por esse autor nota-se: i) debilidade do acento tônico; ii) tendência de anular a oposição

entre [e] e [i] e [o] e [u] em posição pretônicas; iii) tendência de nasalar sílaba simples “i””; iv) tendência de nasalar o [i] e o [u] tônicos finais; v) anulação da oposição ditongo [ou] e [o] fechado; vi) anulação da oposição ditongo de pospositiva [i] e vogal simples diante de chiante; vii) precariedade do [r] e [l] intervocálico em contato com [i]; viii) tendência de omissão do [r] final antes de pausa. Algumas dessas tendências também puderam ser observadas no presente estudo.

#### 4.1 – A coda vibrante final /r/

Frequentemente observamos nos enunciados orais o apagamento da consoante “r” em posição final de palavra. Segundo Mattoso Câmara (1972, p. 17) o /r/ forte pode ser pronunciado de diferentes formas: a) vibração prolongada da ponta da língua junto aos dentes superiores (múltiplo); b) vibração da língua junto ao véu palatino (velar); c) vibração da úvula da parte externa véu palatino (uvular) ou d) forte fricção da faringe (fricativo não lingual). Para esse autor a variação do /r/ forte em português indica um processo de mudança da articulação anterior para a posterior que ainda não terminou.

Nesse contexto, alguns estudos acerca da variação da pronúncia do /r/ asseveram que seu apagamento ocorre desde as peças de Gil Vicente (séc. XI) (VOTRE, 1978). O apagamento do /r/ e a realização do zero fonético considerado, por muitos, falantes uma manifestação popular. Contudo, estudos da variação linguística demonstram que esse fenômeno não é restrito as falas das classes menos favorecidas economicamente, pois também aparece na fala culta espontânea (CALLOU, 1979). Segundo Callou et. al. (1998), ao estudar a fala culta do Rio de Janeiro, o apagamento pode ser interpretado como uma transformação da estrutura silábica do Português, em que uma sílaba (CVC) travada pela vibrante passaria a uma sílaba CV, menos complexa.

Dentre os estudos da pronúncia do /r/ pós-vocálico: Votre (1978) – semianalfabetos; Callou (1979) - urbana do Rio de Janeiro (NURC); Oliveira (1981) - Minas Gerais; Monareto (2000) - VARSUL<sup>2</sup> (Banco de dados Variação Linguística da Região Sul); e Dias (2003) – análise longitudinal de dois informantes (idades 4 e 2 anos). Esses estudos dedicaram-se a avaliar diferentes fatores extralinguísticos (idade, escolaridade,

---

<sup>2</sup>Banco de dados com amostras da fala dos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná.

gênero) e fatores linguísticos (classe morfológica, dimensão da palavra, contexto linguístico). Dentre seus principais achados destaca-se a maior incidência de apagamento do /r/ em posição de coda final em relação à posição de ataque. Soma-se a isso, o favorecimento da supressão do /r/ final em verbos em relação aos não verbos. Dias (2003) observa uma tendência de favorecimento a manutenção do padrão silábico, já que há maior frequência de apagamento quando em contexto posterior tem-se uma consoante ou uma pausa (Ex.: MAR GRANDE).

Esse fenômeno, entretanto, não é exclusivo da 'fala', já que estudos como os de Costa (2009) que analisa enunciados escritos<sup>3</sup> por 18 alunos (1ª e 2ª séries) de escola pública, com faixa etária de oito a onze anos. Costa (2009) assevera que o apagamento do /r/ nos enunciados escritos, semelhantemente, aos enunciados orais ocorre mais com o /r/ em posição de coda final. Há também neste estudo uma relação entre redução do apagamento do /r/ final em consonância ao avanço das séries, pois na 2ª série observou-se 87% e na 4ª série 71,9%. Soma-se a isso, semelhante aos estudos da fala, também se pode notar maior incidência entre os verbos. Todavia, o que mais nos chama atenção do estudo de Costa (2009) é a observância, por meio de ditado, que palavras menos frequentes na escrita infantil favorecem o apagamento do /r/ na escrita. Essa observação permite pressupor que o trânsito por práticas orais e letradas atua sobre o registro da coda vibrante (CHACON, 2008).

Em um estudo, Chacon (2008) analisou o registro da coda silábica em textos escritos por crianças de 05 e 06 anos de uma escola municipal de educação infantil. Nesse estudo, no primeiro grupo, dois diferentes escreventes tiveram 3 registros (caderno=2; armário=1) (proposta 1); no segundo grupo, dez diferentes escreventes tiveram 17 registros (cercadilha=8; certeza=9) (proposta 3), e por fim o terceiro grupo nove diferentes sujeitos, um total de 23 registros (*ar* = 6; *parar* = 8; *andar* = 9) (proposta 06). Para esse autor, o maior tempo de inserção em práticas de oralidade pode favorecer o registro da coda, já que a maior incidência se deu na proposta 06.

Consoante aos achados de Costa (2009), no presente estudo as rasuras vinculadas ao registro da coda vibrante final se deram exclusiva-

---

<sup>3</sup>As atividades foram baseadas em desenhos sobre os quais foram escritas palavras e frases do teste foram expostos de maneira intercalada com outras figuras

mente em verbos. Por conseguinte, o escrevente oscila entre a marcação e a ausência da coda vibrante final. Essa oscilação pode ser motivada pela variação linguística local, que normalmente omite a coda vibrante final. Logo, estaria o escrevente transitando pelos dois eixos de representação da (sua) escrita, ora reconhecendo-a plasmada ao falado, omitindo a coda ou na representação da escrita institucionalizada, com a marcação da coda vibrante final, tais como as ocorrências a seguir:

Ocorrência 1 – Proposta 12 – Escrevente 20

O que faz rui para a Van gritas  
falati a Balta iso e rui para

Ocorrência 2 – Proposta 12 – Escrevente 02

não pode gritas

Ocorrência 3 – Proposta 13 – Escrevente 23

Gritar faz mau a saúde

No ocorrência 01, observa-se que o escrevente inicialmente grafa “fala” e posteriormente, introduz o “r” por escrita sobreposta, “optando” por “falar”. O escrevente transita por pelo menos duas possibilidades “fala” e “falar”. A primeira possibilidade ancora-se em sua circulação por práticas orais, em que o escrevente supõe (sua) escrita plasmada à fala, grafando “fala”. Contudo, o gesto posterior de inserção do “r” parece ser efeito da ancoragem do sujeito escrevente com a sua circulação por práticas letradas, já que a proximidade gráfica do verbo “gritar” com marcação da coda vibrante final poderia motivar o escrevente a “reconhecer” a necessidade deste registro. Outra explicação possível se deve ao estatuto morfológico de marcação do infinitivo, reconhecido como fruto das práticas orais e letradas (CHACON, 2008).

No mesmo sentido, as ocorrências 2 e 3 incidem sobre o verbo

“gritar”. Na ocorrência 02 o escrevente inicialmente registra “grita”, inserindo posteriormente “r”, ficando “gritar”. Movimento semelhante pode ser percebido na ocorrência 03 em que após apagamento o escrevente insere a coda vibrante final. Os escreventes negociam com duas possibilidades uma atrelada à variação linguística “grita” e outra ancorada em informações advindas de diferentes práticas orais e letradas “gritar”. O registro da coda vibrante final configura-se como um obstáculo na representação da (sua) escrita, produzindo um deslocamento entre aquele que escreve e aquele que lê. Esse deslocamento pode ser compreendido a luz da heterogeneidade da escrita, na qual o escrevente circula pelo menos por dois eixos da representação da escrita: eixo da gênese e eixo da imagem da escrita institucionalizada.

#### Ocorrência 4 – Proposta 01 – Escrevente 26

OUVRA PALAVRA NAO VAI PARA O CELE BRO

#### Ocorrência 5 – Proposta 01 – Escrevente 26

COUCEGE OUVIRINTÃO A PESSOATEN QUI

As ocorrências 4 e 5, incidentes sobre a palavra “ouvir”, parecem ter sido beneficiadas pela percepção de aspectos prosódicos, que levariam o escrevente a realizar um processo de ressilabificação, na qual o /r/ deixa de ser coda para constituir o ataque da sílaba resultante [ou.vi.ra.pa.la.vra] e [ou.vi.rin.tao]. Esse processo é indicado por Mateus e Rodrigues (2003, s.p) que observam que “a fricativa final de palavra, o /R/ pode ser ressilabificado em ataque de sílaba se a seguir houver uma palavra iniciada por vogal, ocupando a consoante a posição vazia do ataque silábico, por exemplo [be.be.ra.gua].

Outros fatores também podem contribuir para o aparecimento das ocorrências 4 e 5, tais como as hipossegmentações: ‘ouvirarapalavra’ e ‘ouvirintão’ reproduzem o padrão silábico do português brasileiro (CV); soma-se a isso encontram-se em limite de frase entonacional<sup>4</sup>. Os dados

<sup>4</sup>Frase entonacional de acordo com Nespor e Vogel (1986) uma frase entonacional (I) refere-se a uma unidade prosódica definida por um conjunto de frases fonológicas ou apenas uma frase fonológica (φ)

prosódicos parecem configurar-se como uma ponte inicial entre o som e o significado, cuja relação leva a aquisição da gramática (CUNHA, 2004). Nessas ocorrências, a “memória” ligada a circulação do escrevente por práticas letradas permite a consideração da existência de duas “unidades linguísticas” (CAPRISTANO, CHACON, 2012). Por outro lado, esses autores também destacam que a partir de suas práticas orais, o escrevente poderia supor que os limites gráficos podem corresponder a limites prosódicos, tais como a frase entonacional, reproduzindo, sequências hipossegmentadas, tal como as ocorrências 4 e 5 do presente estudo.

#### 4.2 - A marcação do ditongo

Outro movimento envolvendo a relação variante pronunciada e representação gráfica da palavra reside na redução do ditongo, também conhecida por monotongação, movimento frequente na variação do português brasileiro. Segundo Hora (2007) a monotongação não é um fenômeno recente, pois é utilizada desde a passagem do latim clássico para o latim vulgar, mantendo-se nas línguas românicas. Segundo Costa (2004) ditongo ‘oi’ pode sofrer monotongação em diferentes contextos fonéticos, enquanto os ditongos “ei” e “ai” monotongam, frequentemente, diante de ‘s’, ‘ch’ e ‘r’, tal como na ocorrência 6 na figura a seguir:

Ocorrência 06 – proposta 08 – escrevente 17



Nessa ocorrência o escrevente lida com diferentes possibilidades de registro de “decha” e “deicha” [dexa/deixar]. Percebe-se no material escrito que o primeiro registro ocorre a monotongação. Essa possibilidade ancora-se na representação da variedade linguística, que frequentemente, reduz o ditongo diante de “ch”. Entretanto, o escrevente também dialoga com a possibilidade de registro de “deichar”, apontada pela sua inserção em práticas orais e letradas. A inserção do “i” apontaria para uma “captura” do escrevente pelo código institucionalizado, em virtude do trânsito por diferentes práticas orais e letradas.

Conforme Azeredo (2010, p. 385) “há variação livre entre ditongo que parte de uma linha entonacional, levando-se em consideração aspectos semânticos e pragmáticos.

go e vogal simples entre [ow] e [o] para todos os vocábulos que contêm o ditongo ‘ou’, com o desaparecimento de oposição como ouço/osso”.

Ocorrência 7 – Proposta 01 – Escrevente 14

na ovrta das pelhas

Ocorrência 8 – Proposta 02 – Escrevente 26

CAN DO VOCE TEI DOR DE OUIDO

Na ocorrência 7, grafa-se inicialmente ‘ovido’ e posteriormente ‘ouvido, por meio de sobreposição e na ocorrência 8, nota-se o acréscimo do ‘u’. Nessas ocorrências, diferentes escreventes lidam com o conflito da pronúncia, frequentemente, monotongada, com o reconhecimento da escrita institucionalizada da palavra ‘ouvido’. As propostas 1 (Conhecimentos prévios sobre audição) e 2 (Relato da palestra sobre audição), os escreventes tiveram contato com a palavra “ouvido” muitas vezes, além do apoio de recursos visuais, tais como cartazes, livros e figuras. Esse contato com diferentes práticas orais e letradas pode ter motivado a baixa incidência de rasura na palavra “ouvido”, escrita muitas vezes pelos escreventes nessas propostas.

Ainda acerca dos ditongos foram encontradas oscilações quando as vogais envolvidas encontravam-se na posição postônica final, tais como na ocorrência 09 em que se escreve ‘oleo’ e após apagamento deixa ‘oleu’.

Ocorrência 09 – Proposta 11 – Escrevente 26

Rasura de pipoca, oleu

Esse conflito pode ter sido motivo pela influência fonológica, já que conforme Mattoso Câmara, as vogais finais postônicas no português brasileiro são ‘a,i,u’, em que ocorreria nessa posição uma neutralização dos fonemas/o/ para /u/ e /e/ para /i/. No momento em que o escrevente

“opta” por ‘oleu’, guia-se pela representação da gênese da escrita, já que supõe a grafia ancorada em aspectos da fala.

Ocorrência 10 – Proposta 05 – Escrevente 05

ORATO DO CAMPO RECEBEU UM COM VITE

Na ocorrência 10 outro escrevente inicialmente escreve ‘recebeo’ e após apagamento ‘recebeu’, mostrando por meio do apagamento um conflito entre a representação gráfica do ‘o’ e sua representação fonética ‘u’, em detrimento da posição. Todavia, nessa ocorrência a classe gramatical envolvida é um verbo (recebeu), ou seja, escolha do ‘u’, tal como as convenções ortográficas pode ter sido favorecida pelas informações morfológicas envolvidas, já que aqui a coda semivocálica posterior indicia o sujeito na enunciação (CHACON, 2008). Pode-se, inferir que, possivelmente, as escolhas possuem diferentes motivações, oriundas da circulação do escrevente pelos eixos da representação da (sua) escrita.

Por outro lado, a na ocorrência 11 o escrevente 24 “opta” pelo caminho inverso, uma vez que registra primeiro ‘respondeu’ e sobrepõe a letra ‘o’ ficando ‘respondeo’:

Ocorrência 11 – Proposta 06 – Escrevente 24

E A PORTA CAIU NINGUÉM RESPONDEO.

Em outra ocasião (ocorrência 12) o mesmo escrevente realiza o mesmo movimento escreve ‘caiu’ apagando e deixando latente ‘caio’.

Ocorrência 12 – Proposta 06 – Escrevente 24

CAIO

Nas ocorrências 11 e 12 o sujeito da enunciação (escrevente 24) é do sexo feminino, aliado a isso, os sujeitos das frases eram também

femininos (porta – casa), logo, não podemos supor que a escolha do ‘o’ foi motivada por aspectos morfológicos, marcação de gênero. Acredita-se que o registro e ‘eo’ pode ter sido favorecido pela representação da imagem da escrita institucionalizada, uma vez que o escrevente produziria uma grafia não convencional por hipercorreção (TENANI, SILVA, 2011), guiado por seus diferentes contatos com o oral/falado e o letrado/escrito. Haveria, nessa perspectiva uma hipercorreção, na qual o mesmo escrevente em duas ocasiões em diferentes propostas aponta por meio de escrita sobreposta e apagamento o conflito no registro da vogal ‘o’ final. Concorrem não somente a neutralização da posição, como também o reconhecimento da ditongação.

#### Ocorrência 13 – Proposta 02 – Escrevente 32

ETENBEN TEN UM ORO DSO QUE TAMBEI  
BALANCA E ABIGORNA E TEN ESTRIPDE DEBIS O

Na ocorrência 14, ocorre a oscilação no ditongo nasal [em] átono em posição final (coda). O registro da coda nasal na PB apresenta várias possibilidades de registro gráfico, M, N, ~(til) (BATTISTI, 2002). Essa diversidade de registros pode gerar conflitos no momento da escrita da criança (CARDOSO et. al., 2010).

Para Battisti (2002) os ditongos nasais átonos do português variam entre ontem~ontim~onti. No primeiro caso não há alteração da nasalidade, no segundo mantém-se a nasalidade, contudo altera-se a vogal média [e] pela vogal alta [i]. Por fim, no terceiro semelhante ao encontrado em nosso estudo ocorreria a redução do ditongo. Em um estudo realizado com o banco de dados VARSUL, Battisti (2002) elegeu três estados (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul), num recorte das três capitais e mais duas cidades dos estados, identificando que falantes de escolaridade baixa (até 04 anos de escolaridade) reduziam mais o ditongo nasal final quando comparados com os falantes mais escolarizados (mais de 9 anos de escolarização). Contudo, também acrescentou um terceiro grupo composto por uma média de escolaridade (5 a 8 anos de escolaridade), no qual a aplicação e a redução do ditongo nasal átono ficaram próximas do neutro.

O fator escolarização pode ser questionado, já que a redução do ditongo nasal átono no português é favorecida principalmente pela classe de palavras não verbais, tendo em vista a tendência de manutenção das informações morfológicas no caso dos verbos (BATISTI, 2002). A ocorrência 14 corrobora aos estudos de Battisti (2002), pois a redução do ditongo foi realizada em uma classe não verbal. Ao mesmo tempo, a troca do [n] pelo [i] aproxima ao ditongo crescente [ei], previsto na língua portuguesa. Mesmo as flutuações de escrita guardam elementos disponíveis na língua. Portanto, mais uma vez o pagamento indicou um conflito entre o que o escrevente toma como gênese da escrita, sua variante linguística na qual ocorre a redução do ditongo, aliada a uma informação do código institucionalizado, já que a escolha de substituição se dá por meio de um ditongo existente na língua portuguesa.

Por conseguinte, ao compararem-se as ocorrências de registros da coda nasal [n] e a coda vibrante [r], discutida na seção anterior, pode-se observar que o registro ou não varia em função de diferentes aspectos linguísticos, tais como a classe gramatical envolvida, a posição na sílaba, bem como extralinguísticos, tais como o grau de escolaridade. Contudo, ao fator escolaridade está subjacente maior tempo de convívio com diferentes práticas (orais e letradas), sejam elas mediadas pela escola ou não, fatores que refletirão diretamente nas “escolhas” linguísticas dos escreventes.

### 4.3 As vogais pretônicas

Segundo os estudos de Câmara Jr, o sistema vocálico do português brasileiro é composto por sete fonemas vocálicos em posição tônica (a, e, é, i, o, ó, u). Esses sofrem redução (para 05) diante de nasal (santo, senha, sino, sono, sumo). Já nas posições não-tônicas pretônicas ocorre a redução para 05 fonemas (a, e, i, o, u) (beleza – pobreza); nas postônicas não finais 04 (a, e, i, u), já que pronuncia-se [perula].; e por fim nas postônicas finais, destacam-se 03 fonemas (a, i, u), uma vez que ocorre a neutralização dos fonemas /o/ e /u/ e /e/ e /i/, tais como as palavras [denti] e [gatu]. O quadro das vogais do português brasileiro é definido pela posição da sílaba, tonicidade da palavra, sendo mutáveis em virtude do processo de neutralização.

Carmo (2009) e Silveira (2008) identificaram que a pronúncia da

região de São Jose do Rio Preto, cidade dos escreventes do nosso estudo ocorrem realizações variáveis de [e ~ i], para /e/, e de [o ~ u], para /o/, decorrentes do fenômeno de alçamento, em que as vogais médias /e, o/ se realizam, respectivamente, como [i, u]. Desse modo, “a correspondência não-biunívoca entre grafemas e fonemas, na ortografia das vogais – uma das faces da constituição heterogênea da ortografia - leva os escreventes a dúvidas quanto à grafia de palavras que envolvem escolhas entre os grafemas <e, i, o, u>” (TENANI, REIS, 2011, p. 27).

Tradicionalmente as grafias não convencionais de vogais são vistas de duas formas: a) erros de transcrição fonética (como a escrita de <i, u> onde a ortografia prevê <e,o>, tal como **piqueno** e **buneco**); ou b) erros de hipercorreção, nos quais o escrevente generaliza uma regra ortográfica, tal como a escrita de <e,o> onde a ortografia prevê <i, u> (infância/fogir) (TENANI, REIS, 2011). Essas autoras, contudo, não analisam esses movimentos como “erros”, mas sim como pistas da *heterogeneidade da escrita* (CORRÊA, 2004), reconhecendo, a heterogeneidade da ortografia e categorizando as ocorrências como grafia não convencional por transcrição e grafia não convencional por hipercorreção (TENANI, REIS, 2011).

A relação grafema-fonema no sistema ortográfico do português brasileiro não é biunívoca, fato esse latente nas grafias não convencionais. A ortografia surgiu como uma escrita fonética, tentando registrar os sons da fala, contudo, as características da fala não são homogêneas, o que provocaria diferentes registros para a mesma palavra (CAGLIARI, 1998), fato esse latente em textos de autores do português arcaico. Desse modo, buscando ‘padronizar’, elege-se a variedade prestigiada como padrão para a escrita. Todavia, mesmo a fala considerada ‘correta’ de prestígio, guarda características orais. Portanto, tal como assevera Tenani e Reis (2011) a ortografia em sua própria constituição é heterogênea, já que preserva traços do oral/falado e do escrito/letrado.

Tenani e Reis (2011) analisam a escrita de escreventes da cidade de São José do Rio Preto, da 5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> séries do Ensino Fundamental. Essas autoras apontam maior incidência de grafia não convencional por transcrição em relação à grafia não convencional por hipercorreção. Em nosso estudo, embora o número de ocorrências seja pequeno, bem como a série seja diferente (1<sup>a</sup> série), também observamos maior incidência de

rasuras envolvendo grafias não convencionais por transcrição. Essa observação pode ocorrer em virtude de os escreventes grafarem a partir do princípio acrofônico do alfabeto, dando relevo a circulação do escrevente pelo eixo da gênese da escrita. Tais como as ocorrências a seguir, em que os escreventes oscilam entre a ortografia convencional e a ortografia não convencional, ao grafar [istaboa] apagar e registrar [estaboa], ou ainda no registro de [iscola] substituído por [escola]:

Ocorrência 14 – Proposta 03 – Escrevente 14

MUTO BEM MINHA FAMILIA  
EISTABOA UM BEIJO PARA

Ocorrência 15 – Proposta 03 – Escrevente 31

EU QUERO QUE VOCE VEIN NA ESCOLA.

Nas ocorrências 14 e 15 os escreventes diante do conflito de registro da vogal média [e] em detrimento da alta [i] produzem rasuras, representadas por apagamentos mal sucedidos. O conflito visível na rasura reside em como grafar um registro ortográfico diferente do registro fônico. Nesse questionamento convive o dialeto dos escreventes que produzem o alçamento da vogal inicial [iscola] ou ainda alçamento da vogal pretônica por hipossegmentação [istaboa] (CARMO, 2009). Ao mesmo tempo, a escrita visível aponta para a escrita institucionalizada, já que o escrevente acaba produzindo enunciados consoantes à grafia convencional. Esse fato pode ser explicado possivelmente pela situação enunciativa, ou seja, uma coleta realizada por uma pesquisadora no ambiente escolar, fato esse que pode concorrer para o registro consoante à escrita institucionalizada.

Por outro lado, diante do mesmo conflito o escrevente 36 registra inicialmente ‘esquentar’ e após apagamento [isquentar] (ocorrência 16):

## Ocorrência 16 – Proposta 11 – Escrevente 36

coloca a água na panela Para inquerat

Ao analisar o movimento de recusa [esquentar] visível pelo apagamento mal sucedido, também se observa a influência do código institucionalizado latente, mas que por algum motivo foi recusado pelo escrevente. Assim, na ocorrência 16 o escrevente produz um registro de grafia não convencional por transcrição fonética, partindo do princípio acrofônico do alfabeto. Esse movimento aponta para a imagem da escrita em sua suposta gênese. Movimento semelhante realizado na ocorrência 17, em que diante do conflito [idução/educação], o escrevente inicialmente registra graficamente tal como a sua variedade dialetal, e em seguida apaga o [i], registrando a grafia convencional:

## Ocorrência 17 – Proposta 12 – Escrevente 05

não cora na educação física

Por outro lado, nas ocorrências 18 e 19, envolvendo a grafia da palavra ‘cidade’ dois escreventes escrevem ‘cedade’ apagam e registram ‘cidade’:

## Ocorrência 18 – Proposta 05 – Escrevente 8

ORA TO DA CEVADE COM VÍDOU O RATO

## Ocorrência 19 – Proposta 05 – Escrevente 31

O RATO DO CAMPO É O RATO DA CIDADE

A grafia inicial configura-se como não convencional por hiper-

correção, já que no dialeto de São José do Rio Preto não ocorre a pronúncia [cedade]. Já após o apagamento se produz ‘cidade’ atendendo à grafia convencional e a pronúncia do dialeto local. Diferentes escreventes oscilam no registro das vogais pretônicas, entretanto, essa oscilação não é aleatória, pois conforme assevera Bisol (1981) as vogais átonas pretônicas do português do Brasil podem sofrer o processo de neutralização, redução de mais de um fonema em uma só unidade fonológica.

Além disso, Câmara Jr. (1970) e Bisol (1981), também atestam para a incidência de harmonização vocálica, quando a vogal média se realiza como uma vogal alta por influência de uma vogal alta da sílaba seguinte [vistido], tal como a ocorrência 20:

Ocorrência 20 – Proposta 08 – Escrevente 24

A D E M G U E É P I R I G O S A

Ocorrência 21 – Proposta 8 – Escrevente 9

a d e m g u e é p e r i g o s a

Nessas ocorrências, os escreventes estão diante do conflito do registro de “pirigosa x perigosa”, optando por “caminhos” diferentes, já que na ocorrência 20 a última operação realizada pelo escrevente aponta para o processo de harmonização vocálica, enquanto na ocorrência 21, o escrevente diante do mesmo conflito “opta” pelo caminho inverso. No primeiro, ganha saliência a representação da o registro do oral, enquanto no segundo, a imagem do código institucionalizado.

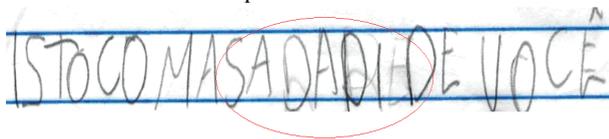
#### 4.4 A vogais postônicas finais

As vogais postônicas em posição não final no dialeto carioca registram [a, e, i, u], contudo, na posição final sofre redução [a, i, u] (CAMARA JR, 1972), logo, é o sistema vocálico mais reduzido, havendo distinção somente entre vogais altas e baixas. As vogais que possuem correspondente morfológico são chamadas vogais temática (o, a, e). As

vogais temáticas possuem o papel de caracterizar morficamente um conjunto de vocábulos da mesma espécie, ampliando o radical e formando o tema da palavra (CAMARA JR, 1972).

Miranda (2008) analisa a produção de escrita do banco de textos da UFpel, escritos por crianças de 6 a 9 anos, observando os erros ortográficos relacionados às vogais átonas finais do português brasileiro (i-u). Essa autora encontra dados quantitativos bem diferentes para os erros grafia da vogal coronal em relação a dorsal. Essa discrepância, conforme afirma a autora não pode ser explicada pela relação ortografia/fonética ou ortografia/fonologia, pois em ambos os casos ocorrem neutralização alterando-se as vogais coronais altas e médias [e-i] e as dorsais altas e médias [u-o]. Para tentar responder a esse questionamento Miranda (2008) recorre aos estudos de Câmara Junior, Harris, Alcântara e Rangel, chegando à conclusão que a presença de traços morfológicos no ‘o’ (marcador masculino’ e o estatuto de vogal epentética do [e], parece ser a informação morfológica contida no marcador de palavra e não exclusivamente aspectos fonéticos o fator responsável pela precoce grafia correta da vogal dorsal em posição átona final, enquanto a preferência pelo [i] pode relacionar-se ao estatuto de vogal epentética por excelência atribuído ao [e]. Acreditamos que essa explicação vem ao encontro da baixa incidência de grafias não convencionais das vogais átonas finais em nosso estudo.

#### Ocorrência 22 – Proposta 02 – Escrevente14



Na ocorrência (22) identificam-se pelo menos dois diferentes fatores concorrendo: a) a proximidade da preposição ‘de’, que poderia levar o escrevente a não registrar a mesma sílaba na sequência; b) a neutralização da vogal postônica final [e] pronunciada na variante do escrevente como [i]. Ao acreditar que o apagamento do ‘de’ de ‘sada’ se dá pela escrita da preposição ‘de’ na sequência, invalidaria a possibilidade de atentarmos para o reconhecimento da escrita institucionalizada, que mesmo que prevê a grafia do ‘e’. Por outro lado, a gênese da escrita pode

levar esse escrevente ao apagamento e a escrita de ‘sadadi’, já que no dialeto da região essa é forma pronunciada pelos falantes. Sendo assim, acredito que ambas as explicações são possíveis e podem nos indicar como o escrevente circula pela imagem que faz da escrita. Movimento semelhante pode ter levado o escrevente 09 registrar ‘espertu’ apagar e registrar ‘esperto’:

Ocorrência 23 – Proposta 06 – Escrevente 09

A photograph of a handwritten note on lined paper. The text reads 'ELE NÃO ERA MUITO ESPERTO'. The word 'ESPERTO' is circled in red ink. The handwriting is in blue ink and shows some corrections and overlapping letters.

O estatuto morfológico da vogal ‘o’, marcador do gênero masculino indicado no enunciado pelo pronome ‘ele’, pode ter levado o escrevente a registrar o ‘o’, circulando pela representação da escrita institucionalizada. Por outro lado, a primeira operação ‘espertu’, atende ao processo de neutralização da língua portuguesa, já que o dialeto da região do escrevente registra na oralidade a pronúncia [espertu]. Existe aqui, como nas demais ocorrências desse estudo uma flutuação entre a representação da gênese da escrita, guiada pela oralidade e representação da escrita institucionalizada. Assim, mesmo escreventes iniciais, 1ª série do Ensino fundamental, já convivem como inúmeras práticas orais e letradas institucionais ou não que produzem efeitos sobre este escrevente.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, o objetivo foi o de apresentar resultados da pesquisa sobre as rasuras vinculadas a discordância entre a variante fonética falada pelo escrevente e a imagem que o escrevente supõe da representação gráfica prescrita pela escola. Foram identificadas ao longo dos 449 textos 35 rasuras que emergem do conflito da relação oral e gráfico. A hipótese que orientou esse estudo é que os locais em que incidem as rasuras não são aleatórios, pois indiciam o conflito entre pelo menos duas possibilidades de representação da escrita. Os principais lugares nos quais emergiram rasuras que indiciam um conflito entre o registro falado e escrito foram: a marcação do ditongo (14 ocorrências); o registro das vogais pretônicas

(09 ocorrências); o registro da coda vibrante final (8 ocorrências); e o registro das vogais postônicas finais (4). Esses aspectos linguísticos parecem favorecer a ocorrência da rasura, por colocar em cena a possibilidade de outros dizeres, uma “não coincidência do enunciador com o seu dizer” (AUTHIER-REVUZ, 2004), os movimentos de “escolha” e “recusa” parecem ser motivadas pelo trânsito do escrevente por diferentes práticas orais e letradas, que produziriam uma “captura” do escrevente.

## REFERÊNCIAS

ABAURRE, M. B. M. Índícios das primeiras operações de reelaboração nos textos infantis. **Estudos Linguísticos**, São Paulo (SP), v. 1, p. 367-372, 1994.

ABAURRE, M. B. M. Os estudos lingüísticos e a aquisição da escrita. In: CASTRO, M. F. P. (Org.) **O método e o dado no estudo da linguagem**. Campinas: Editora da Unicamp, p. 111-78, 1996.

ABAURRE, M. B. M.; FIAD, R. S.; MAYRINK-SABINSON, M. L. T. Em busca de pistas. In: ABAURRE, M. B. M.; FIAD, R. S.; MAYRINK-SABINSON, M. L. T **Cenas de aquisição da escrita: o trabalho do sujeito com o texto**. Campinas: Mercado de letras, p. 13-36, 1997.

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso. In: AUTHIER-REVUZ, J. **Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido**. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 11-80, 2004.

\_\_\_\_\_. Paradas sobre as palavras: a língua em prova na enunciação e na escrita. **Educação e Realidade**, v. 36, n. 3, p. 651-679, 2011.

AZEREDO, J. C. A estruturação sonora. In: AZEREDO, J. C. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. São Paulo: Publifolha, p. 371-392, 2010.

BATTISTI, E. A redução dos ditongos nasais átonos. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. (Orgs.) **Fonologia e variação: recortes do português**

brasileiro. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 183-202, 2002.

CAGLIARI, L. C. **Alfabetizando sem o BA-BE-BI-BO-BU**. São Paulo: Scipione,

1998.

CALIL, E. **Autoria a criança e a escrita de histórias inventadas**. Londrina: Eduel, 2004.

\_\_\_\_\_. Modalizações autonímicas como marcas de subjetividade em processos de criação. **Revista Intercambio**. vol. XV. São Paulo, 2006.

CALLOU, et. al. O Apagamento do R final no dialeto carioca: um estudo em tempo aparente e em tempo real. **DELTA**. São Paulo, v.14, n. Especial, p. 61-72, 1998.

\_\_\_\_\_. **Variação e distribuição da vibrante na fala urbana culta do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro. Tese (Doutorado em Linguística)- Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1979.

CAMARA Jr, M. Erros de escolares como sintomas de tendências linguísticas no português do Rio de Janeiro. In: CAMARA Jr, M. **Dispersos**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, p. 35-55, 1975.

CAMARA Jr, M. **Estrutura da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Vozes, 1972.

CAPRISTANO, C. C.; CHACON, L. **Relações metafóricas e metonímicas**: notas sobre a “aquisição” da noção de palavra. (a sair), 2012.

CAPRISTANO, C. C. Por uma concepção heterogênea da escrita que se produz e que se ensina na escola. **Cadernos de Educação**, v. 35, p. 171-193, 2010.

\_\_\_\_\_. **Mudanças na trajetória da criança em direção à palavra escrita**. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Universidade

Estadual de Campinas, 2007.

CARDOSO, M. H. et. al. A complexidade da coda silábica na escrita de pré-escolares. **Disturb. Comum.** v. 22, n. 3, p. 213-221, 2010.

CARMO, M. C. **As vogais pretônicas dos verbos na fala culta do interior paulista.** 2009. 117 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Estadual Paulista, 2009.

CHACON, L. Para além de vínculos diretos entre características fonético-segmentais e ortográficas na escrita infantil. **Rev. Est. Ling.,** v. 16, n. 1, p. 215-230, 2008.

CORRÊA, M. L. G. **O modo heterogêneo de constituição da escrita.** São Paulo: Martins Fontes, 2004.

\_\_\_\_\_. Letramento e heterogeneidade da escrita no ensino de Português. In: SIGNORINI, I (org.). **Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento.** Campinas: Mercado de Letras, p. 135-166, 2001.

COSTA, C. F. **Fonologia lexical e controvérsia neogramática: análise das regras de monotongação de /ow/ e vocalização de /l/ no PB.** Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004.

COSTA, G. B. Reflexões sobre o apagamento do rótico na escrita das séries iniciais. **Revista Philologus,** n. 45, p. 137-145, 2009.

CUNHA, A. P. N. **A hipossegmentação e a hipersegmentação nos dados de aquisição da escrita: um estudo sobre a influência prosódica.** (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pelotas, 2004.

DIAS, A. T. B. B. Apagamento do fonema /r/ pós-vocálico de textos orais em informantes em aquisição da linguagem. **Anais do 5º Encontro do Celsul,** Curitiba-PR, p. 176-180, 2003.

FELIPETO, C. Sobre os mecanismos linguísticos subjacentes ao gesto de rasurar. **Cad. Est. Ling.** n. 50, p. 91-101, 2008.

GINZBURG, C. **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história.** São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

HORA, D. A monotongação na produção escrita: reflexo da fala. **Anais X Simposio Internacional em Comunicación Social, 2007, Santiago de Cuba. Actas I - X Simposio Internacional de Comunicación Social.** Santiago de Cuba: Centro de Linguística Aplicada, p. 127- 131, 2007.

LEMOS, C. T. G. Em busca de uma alternativa à noção de desenvolvimento na interpretação do processo de Aquisição da Linguagem: Parte II. **Relatório FAPESP**, Campinas, 1999.

LEMOS, C. T. G. Das vicissitudes da fala da criança e de sua investigação. **Cad. Est.Ling.**, v. 42, p. 41-69, 2002.

MATEUS, M. H. M.; RODRIGUES, C. (2003). **A vibrante em coda no português europeu.** Disponível em [http://www.iltec.pt/pdf/wpapers/2003-mhmateus-vibrante\\_em\\_coda.pdf](http://www.iltec.pt/pdf/wpapers/2003-mhmateus-vibrante_em_coda.pdf). Acesso em 11 fev. 2013.

MIRANDA, A. R. M. A aquisição ortográfica das vogais do português: relações com a fonologia e a morfologia. **Letras** (Santa Maria), v. 36, p. 151-168, 2008.

MONARETO, V. O Apagamento da Vibrante Posvocálica nas Capitais do Sul do país. **Letras de Hoje.** Porto Alegre, v.35, n.1, p. 275-184, 2000.

OLIVEIRA, M. A. Reanalizando o processo de cancelamento do (r) em final de sílaba. **Revista de Estudos da Linguagem.** Belo Horizonte, v. 6. n.6, p. 32-58, 1997.

SILVEIRA, A. A. M. **As vogais pretônicas na fala culta do noroeste paulista.** 2008.153f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2008.

TENANI, L.; REIS, M. C. “E viveram felizes para sempre”: análise de grafias nãoconvencionais de vogais pretônicas. **Verba Volant**, v. 2, nº 1. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária da UFPel, 2011.

VOTRE, S. Aspectos da variação fonológica na fala do Rio de Janeiro. Tese (Doutorado em Lingüística)- Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1978. OLIVEIRA, M. B. **Manutenção e apagamento do ( r ) final de vocábulo na fala de Itaituba**. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Universidade Federal do Pará, 2001.

Recebido em: 30/06/18

Aprovado em: 30/07/18